

MEMÓRIA SUBVERSIVA

* Professor do programa de
Pós-graduação da PUC/SP.

Enio José da Costa Brito*

*O povo tem nas mãos as roupas, as bandeiras,
úmidas de sereno e de sangue.
Falta-lhes o varal da memória histórica das lutas.*

DOM PEDRO CASALDÁLIGA

Em *O suor e o sangue fecundando o chão. Memória dos mártires a partir da Prelazia de São Félix do Araguaia*, Rosemari de Almeida desvela o processo de elaboração e preservação da memória dos mártires da caminhada latino-americana.¹ A dissertação está organizada em três capítulos organicamente articulados. O primeiro, *A emergência da memória coletiva*, apresenta os depoimentos das pessoas que participavam da Prelazia no período estudado, principalmente os moradores das cidades de Ribeirão Cascalheira e Santa Terezinha. Que lembranças são mais recorrentes, como elas se relacionam com os fatos vividos.

O segundo, intitulado *Manter viva a memória martirial*, volta-se para as iniciativas da Prelazia, como a construção do Santuário e a manutenção de uma rede de informações, sem esquecer do contexto eclesial. O terceiro, *Fazer Memória*, realiza um cuidadoso estudo da interação da memória institucional e da memória individual.

A autora percebeu cedo que só conseguiria avançar nas suas pesquisas se alargasse o conceito de *mártir*. Conceito há muito cooptado pelas Igrejas que passaram a compreender o martírio só como o testemunho de fé que defendia a ortodoxia da doutrina.

O tema do martírio marcou a tradição da Igreja, especialmente, da Igreja católica, por ser constitutivo da mesma. Em grego, *martiria* significa testemunho. Para a tradição joanina,

¹ Trata-se da dissertação de Mestrado de Rosemari de ALMEIDA em Ciências da Religião da PUC/SP, 2004.

por exemplo, Cristo é a testemunha. Testemunha do Reino de Deus, de um Deus que se apresenta como sendo o Deus da justiça e da compaixão. Testemunha de um Deus da resistência não violenta ao mal estrutural e também individual.²

A teologia ao resgatar e atualizar essa tradição compreende o mártir como a pessoa que doa sua vida, num compromisso até à morte se preciso, na luta em defesa da justiça e da vida digna para todos. *Mártir jesuânico não é, estritamente falando, aquele que morre por Cristo ou por causa de Cristo, mas aquele que morre como Jesus e pela causa de Jesus.*³

MEMÓRIA ESPERANÇOSA

A dissertação faz memória de um tempo no qual a Igreja Latino-Americana, especialmente, a do Brasil, assustava os *de fora*, isto é, grupos sociais, não adeptos do cristianismo, mas defensores ferrenhos do papel tradicional da Igreja na sociedade latino-americana e brasileira: ser mantenedora da ordem e do *status quo*. Não só os *de fora* mas, os *de dentro* que sem poder negar o refluxo do catolicismo tradicional, permaneciam paralisados diante das vertiginosas transformações que ocorriam na sociedade, continuavam defendendo a ferro e fogo a manutenção da *tradição*.

Por memória, a autora entende, o processo coletivo, dialógico, seletivo e afetivo que permite criar e manter a identidade do indivíduo e do grupo.⁴ Pode-se dizer que a dissertação faz memória de uma *consciência eclesial*, reveladora do deslocamento social da Igreja e de sua função na sociedade. Numa linguagem teológica, a reflexão sobre a *memória martirial* esconde uma auto-compreensão da Igreja.

No entanto, a reflexão em torno da memória cristã não é tão simples quanto parece, ela esconde no seu bojo o problema da autenticidade. Estamos diante de uma autêntica memória cristã ou simplesmente, uma memória local? Por que ela é libertadora? As três hipóteses, com as quais a autora trabalha, têm presente estas questões. A memória é construída pelo grupo que caminha e tem como principal alvo esse mesmo grupo, com a finalidade de mantê-lo coeso e firme em seu trabalho e caminhada comunitária na Igreja latino-americana. Numa segunda hipótese, pergunta, se o reconhecimento dos mártires se dá pelo fato de a comunidade possuir um rosto e uma identidade religiosa libertária latino-americana. Na terceira, volta-se para a tensão entre a memória institucional e a memória da comunidade e discute as relações entre o projeto de preservação da memória de nível institucional, portadora de caracterís-

² Cf. J. D. CROSSAN, *O nascimento do Cristianismo*. São Paulo, Edições Paulinas, 2004, p. 326, 615s.

³ Cf. R. de ALMEIDA, *O suor e o sangue fecundando o chão. Memória dos mártires a partir da Prelazia de São Félix do Araguaia*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. São Paulo, PUC/SP, 2004, p. 78.

⁴ Idem, p. 20.

⁵ Idem, p. 17.

ticas universais e globais, e o processo de construção de uma memória coletiva da comunidade, com suas apropriações e trocas.⁵

A memória de diferentes grupos sociais constitui um bem inestimável nesse momento que o processo de globalização tenta homogeneizar as culturas.

*É nesta perspectiva que a memória é um recurso excelente de resistência, pois, permite, talvez melhor que qualquer outro meio, não somente lidar com a dimensão objetiva dos fatos vividos, mas, também com o lado subjetivo dos indivíduos que constituem os diferentes grupos sociais.*⁶

⁶ Cf. T. BERNARDO, Memória como resistência: o migrante. TRAVESSIA, 1998, p. 49.

Sabe-se que o movimento social se constrói na memória e a história oral é um de seus documentos. Almeida vai buscar na história oral os relatos reveladores e confirmadores da caminhada. São eles que permitirão entender a resistência presente na memória que alimenta a vida das comunidades.

Os paradigmas tradicionais de escrita da história têm sofrido modificações ao começar a incorporar o estudo do cotidiano, os relatos de experiências vividas (história oral) por múltiplos sujeitos sociais e as relações entre esfera pública e privada. A autora ao enveredar por esses novos caminhos deixa transparecer uma refinada sensibilidade para escutar seus entrevistados, para realçar suas falas e, para reconhecê-los como sujeitos históricos. Entrevistas abertas com participantes da Prelazia e moradores da região ofereceram um rico material para a análise.

Partindo da abordagem da emergência da memória coletiva, passando, em seguida, para a manutenção viva da memória martirial, chega-se ao que dom Pedro Casaldáliga descreve como *fazer memória*, levando os leitores a perceberem a memória no seu dinamismo. Memória socialmente construída, engendrada dentro de relações sociais. O projeto de memória da Prelazia está voltado para o presente e o futuro das comunidades que caminham: memória que se projeta para o futuro.

A PESQUISA DE CAMPO

Para resgatar a memória das comunidades da Prelazia relacionada aos mártires, Almeida escolheu dois pequenos municípios, Ribeirão Cascalheira (chamava-se antes Ribeirão Bonito) e Santa Terezinha e entrevistou 19 pessoas, destas 2 não são ligadas à Prelazia.⁷ Na maioria, são migrantes que vieram para a região por vários motivos mas, principalmente para garantir uma vida melhor. As entrevistas realizadas nas residências possibilitaram a participação de outras pessoas como parentes, marido e amigos.

⁷ Cf. R. de ALMEIDA, *Suor e sangue fecundando o chão*, op. cit., pp. 64-68.

Em Ribeirão Cascalheira, o padre jesuíta João Bosco Burnier foi assassinado, em 1976, quando visitava a cadeia local com dom Pedro Casaldáliga. O assassino queria matar o bispo mas, como não o conhecia e acabou matando o padre.⁸ Após a morte do padre Burnier, a comunidade se levanta do próprio medo e sua memória não se projeta só para as lutas vividas pela comunidade mas, passa a ser referência da caminhada do grupo. O povo derruba a cadeia o que desencadeou uma onda de perseguição.

Em Santa Terezinha, a comunidade enfrenta a Codeara.⁹ O dia 3 de março passou a ser lembrado como o dia da libertação. Padre Francisco Jentel desenvolveu intensa pastoral na área até ser expulso.¹⁰ Os entrevistados na maioria relembram com emoção sua figura. A *Casa do padre Jentel* e o trabalho desenvolvido junto a escola local contribuem para a preservação da memória do mártir e de suas atividades em prol da população mais carente. Nos relatos, quando surgem as figuras dos mártires, estas estão imbricadas com as lutas das comunidades.¹¹

AGENDA PARA O DIÁLOGO

Duas observações abrem o diálogo. No capítulo primeiro, a autora ao tratar do tema da imigração deixa a impressão de olhá-la, apenas, negativamente. Aponta para os custos sociais e culturais do desenraizamento, o que é verdade.¹² Não se pode esquecer no entanto que nos processos migratórios, os migrantes contribuem e são enriquecidos.

Quando se refere à gênese da Teologia da Libertação, poderia contextualizá-la de modo mais amplo e apresentar mais informações sobre a mesma. A contribuição dada pela TdL¹³ para as Igrejas e para a teologia, ainda não foi avaliada em profundidade. Ao resgatar a imagem do pobre, como sujeito da história, implicitamente, desvela o *fracasso do poder*. O poder não tem um projeto para a humanidade. Uma segunda contribuição que poderia ser lembrada é a de ter aberto um diálogo com as culturas. O cristianismo tem, hoje, a chance de tornar-se universal, isto é, de inculturar-se nas diversas culturas.

Três conceitos têm uma presença marcante na dissertação: identidade, mística e mediação. O conceito de identidade, é muito utilizado. *O martírio aparece como um elemento de identidade de um determinado grupo que se reconhece como comunidade e também como povo de Deus*.¹⁴ Passagem rica, pois, associa ao conceito de identidade a dimensão eclesial. Caberia com proveito no texto, um corte explicativo-analítico mais amplo do conceito de identidade. O leitor seria beneficiado por essa ampliação.

⁸ Idem, p. 59.

⁹ Uma das grandes empresas agrícolas instalada na região.

¹⁰ Para uma visão mais ampla dos fatos relacionados com a prisão de padres e agentes de pastoral no período da revolução ver: V. de BARROS MAGALHÃES. *A prisão de padres estrangeiros no Brasil-1968 a 1980*. Uma controvérsia de interesses entre a Igreja Católica e o Regime Militar. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC/SP, 1998.

¹¹ R. de ALMEIDA, *Suor e sangue fecundando o chão*, op. cit., p. 68.

¹² Idem, p. 45.

¹³ TdL abreviação de Teologia da Libertação.

¹⁴ R. de ALMEIDA, *Suor e sangue fecundando o chão*, op. cit., p. 80.

O conceito de mística, é, hoje, fortemente manipulado. Uma das características da cultura ou melhor da incultura de nossa época é a incontrolável deteriorização semântica a que nela estão submetidos alguns termos de nossa linguagem tradicional, como mística. A utilização moderna do termo *mística* é no mínimo complicada. Ao longo da dissertação, a autora aproxima-o do termo *política*. Tendo os aproximado, uma explicitação das relações entre eles poderia ser enriquecedora. A mística e a política são duas experiências importantes no rico universo da experiência humana, pois, traduzem duas formas de auto-realização do indivíduo e da comunidade na sua abertura para o absoluto e para o Outro.

Esses dois termos, lançados no jargão da mídia e utilizados sem um mínimo rigor acabam por não significar coisa alguma, daí, o desafio de ampliar o contra-ponto presente no seu texto.

O conceito de mediação é um rico achado, que merece ser mais lapidado. Na dissertação, deixa transparecer que é graças à existência de indivíduos que agem como mediadores culturais religiosos e a existência de espaços sociais que a memória martirial é preservada. *Esta [prelazia] se constitui em uma mediadora da memória, na medida em que cria veículos para a sua sistematização e circulação.*¹⁵ Um pouco adiante volta a insistir, *a Prelazia apresenta-se como uma instituição que pode garantir às comunidades um veículo oficial para acolher e divulgar sua história e suas memórias.*¹⁶

Na dissertação, a autora toca obliquamente, em dois temas muito sugestivos e pouco trabalhados no âmbito das Ciências da Religião: o da relação entre martírio e território e martírio e temporalidade.

A leitura da narração da construção do monumento em memória do padre Francisco Jentel é um convite a pensar nas possíveis relações entre martírio e território.

*Em 1973, a Prelazia havia perdido um padre, Francisco Jentel, que vivia na região de Santa Terezinha desde 1954, primeiro trabalhando com os índios Tapirapé, depois com os posseiros da região. Jentel ficou preso em Cuiabá durante um ano, acusado pelo governo de incentivar conflitos armados, e depois foi deportado pra a França, onde morreu, em 1979. Até hoje, sua prisão, deportação e morte são percebidos pelos participantes da Prelazia em Santa Terezinha como sinais de martírio. A segunda romaria dos Mártires, realizada em 1990, em Santa Terezinha, deu destaque especial a ele, com a inauguração de um monumento em sua homenagem.*¹⁷

Quanto à construção da capela do padre Burnier,¹⁸ a comunidade queria construí-la no local exato, onde ele fora assassinado. Não sendo possível, acabou sendo construída na beirada da estrada.¹⁹

¹⁵ Idem, p. 127.

¹⁶ Idem, p. 129.

¹⁷ Idem, p. 84.

¹⁸ Idem, p. 88.

¹⁹ Idem, p. 87.

A construção de lugares destinados ao culto desde pequenas cruzeiras e ermidas até capelas e igrejas, é um dos aspectos importantes da devoção popular do catolicismo tradicional no Brasil. Muitos beatos e eremitas leigos, propagadores da fé cristã, tinham como referência simbólica fundamental a cruz.²⁰ A título de exemplo pode-se lembrar a figura de um dos Monges do Contestado, João Maria. Ele tinha o hábito de plantar cruzeiras por onde passava.²¹

A construção de capelas e ermidas com suas cruzeiras deixa transparecer que as pessoas querem ter um lugar de encontro com o sagrado. No caso da Prelazia luta-se pela ocupação dos espaços de memória.

A relação martírio e temporalidade é muito explícita, o mártir continua exercendo influência; as memórias dos mártires que circulam foram construídas ao longo do tempo.²² Essas relações desempenham um papel fundamental na história de Ribeirão Bonito, por possibilitar a constituição de outras inteligibilidades sociais, políticas e religiosas, por possibilitar a construção de outras memórias.

A PRELAZIA E A MEMÓRIA MARTIRIAL

A construção do Santuário dos Mártires da Caminhada ocorreu, em 1977, para abrigar a memória de vários mártires representativos das lutas do povo, no Brasil e na América Latina. Nas palavras de dom Pedro Casaldáliga:

*O objetivo não era fazer um memorial aos mortos, para cultivar suas memórias, mas construir um lugar que abrigasse a memória desses mártires. Essa memória teria como meta alcançar as pessoas e fazê-las conhecer a realidade martirial da Igreja Latino-americana.*²³

O santuário aponta para a permanência de uma luta e dirige aos grupos atuais, torna-se, na expressão da autora, um espaço de visibilidade para causas vivas²⁴ e responde a demandas coletivas.²⁵

A construção da memória martirial toma um novo impulso com as Romarias dos Mártires. A Prelazia de São Félix do Araguaia organizou quatro romarias dos Mártires da Caminhada. A primeira em outubro de 1986, em Ribeirão Cascalheira, em celebração aos 10 anos da morte do padre Burnier. Nesta ocasião, inaugurou-se o mural do Santuário. Em agosto de 1990, em Santa Terezinha, em memória do padre Jentel; em julho de 1996, em Ribeirão, aos 20 anos do martírio do padre Burnier. E em julho de 2001, em Ribeirão Cascalheira, aos 25 anos.

Além das Romarias, a Prelazia tem produzido farto material sobre os mártires: discos e fitas. Há também uma troca de

²⁰ Cf. R. AZZI, *O catolicismo popular no Brasil: aspectos históricos*. Petrópolis, Vozes, 1978, p.19.

²¹ Ver a ampla pesquisa sobre a mística no Contestado realizado por TOMAZI, G. *A mística do Contestado: A mensagem de João Maria na experiência religiosa do Contestado e dos seus descendentes*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC/SP, 2005.

²² R. de ALMEIDA, *Suor e sangue fecundando o chão*, op. cit., p. 122.

²³ Idem, p. 87.

²⁴ Idem, p. 94.

²⁵ Idem, p. 96.

informações sobre os mártires com outras comunidades, além de arquivo de documentos sobre os mártires com folhetos, jornais, fotos e cartas.

²⁶ Idem, p. 113.

Estas iniciativas da Prelazia continuam causando impacto na comunidade e em outras pessoas.²⁶ Assim, as romarias e o santuário são um momento e um lugar em que é lembrado o tempo da opressão.

Um dos entrevistados, seu Zé Carlos, questionado sobre o significado de *fazer memória* dos acontecimentos importantes, responde sapiencialmente. *Manter a lembrança, a memória é uma história né, para a gente não perder a história ... Porque se a gente não lembrar, é como um povo, se não lembrar a sua história.*²⁷

²⁷ Idem, p. 116.

As comunidades criam suas próprias referências que no caso específico estudado estão ligadas a um projeto mais amplo, mais global da Prelazia. Na feliz expressão da autora, estamos diante de um *projeto de memória institucional*. Para Almeida, *essas duas memórias — uma de caráter institucional (projeto da Prelazia), outra mais espontânea (das comunidades) — se constroem de maneiras diferentes e circulam em veículos diferentes. A primeira é construída em cima de bases materiais, palpáveis: os folhetos, as romarias, as celebrações, o santuário. Sua circulação é planejada e também se dá em bases materiais através da correspondência entre as Igrejas e as comunidades... Já a memória das comunidades se constrói mais em bases imateriais, pois que seu núcleo encontra-se nos depoimentos. Quando essa memória emerge, ela vai buscar suas referências nos indivíduos e nos grupos que são que são seus portadores.*²⁸

²⁸ Idem, p. 126.

Ao referir-se ao encontro entre a *memória institucional* e *memória da comunidade* ou espontânea, a autora oferece ao leitor a oportunidade de explicitar uma tensão presente na vida das Igrejas: a relação entre a religiosidade popular e a religiosidade *oficial*. Ao longo da dissertação, Almeida travou um intenso diálogo com a religiosidade popular. Primeiro, indiretamente, mostrando que a teologia precisa estar enraizada na práxis histórica de um povo e diretamente, explicitando que a cultura popular na sua expressão religiosa não deve ser apenas preocupação de estudos antropológicos e sociais mas, principalmente das ciências da religião e da teologia.

O catolicismo popular não é apenas um conjunto de rituais culturais interessantes e exóticos mas é um *locus*, um *lugar de revelação*. Só então, entenderemos a profunda sabedoria da fé popular que ampara e dá forças às comunidades cristãs espalhadas pela América Latina.

Entende-se então, quando dom Pedro Casaldáliga afirma que *o reconhecimento necessário é o da comunidade, seja a de origem do mártir ou a Igreja povo de Deus. O povo canoniza.*²⁹ Sem esse reconhecimento da comunidade, não se tem um mártir da comunidade.

²⁹ Idem, p. 80.

Esta afirmação é um convite para se pensar o Santuário dos Mártires além do controle da Prelazia. Para que isto aconteça de fato, faz-se necessário olhar com atenção os romeiros e os devotos.

A autora relembrou que uma das características do Santuário é não ser de devoção, é um Santuário atípico. No entanto, há indícios significativos: o Santuário, mesmo sem constituir um espaço de devoção popular, causa emoção.³⁰ Antes, já havia se referido a esse dado.

³⁰ Idem, p. 113.

*Dentro do Santuário, a postura é de silêncio respeitoso, mas nota-se uma emoção as vezes contida, às vezes aflorada num choro ou num frase inconformada, quando alguém se depara com as fotos e as histórias dos mártires ali representadas.*³¹

³¹ Idem, p. 97.

Não se pode perder de vista que a comunidade, bem lembrado pela autora se apropria da memória e constrói uma memória própria.³² Assim, as *micro-liberdades* religiosas dos romeiros, dos devotos e dos que estão inseridos nos trabalhos pastorais da Diocese decodificam valores e exercitam a sua criatividade religiosa.

³² Idem, p. 32.

É na observação atenta da experiência e da vivência que se percebe a *invenção do cotidiano*. Será que a dimensão devocional empobrece ou enriquece a recordação do martírio, a celebração da esperança?³³

³³ Idem, p. 103.

Um outro dado impressiona o leitor, que um Santuário situado no coração da Prelazia de São Feliz do Araguaia, no Mato Grosso, distante dos grandes centros tenha gestado um ambicioso projeto histórico-religioso- profético: contribuir para a construção da unidade latino-americana, impedir que a amnésia social tome conta da América Latina e da Prelazia. *O Santuário quer dar incentivo para a continuidade no trabalho religioso, político e social e demonstrar uma unidade e comunhão na comunidade dos que trabalham em causas pela justiça e bem comum.*³⁴

³⁴ Idem, p. 97.

Outra afirmação confirma de maneira mais explícita a idéia acima enunciada:

*Em seu projeto, a Prelazia faz uma escolha e entende que a memória dos mártires é uma memória que está muito próxima das comunidades, que aflora delas, assim como os próprios mártires, e ao mesmo tempo é uma memória que faz da Igreja latino-americana herdeira da Igreja primitiva pois trilha seus mesmos passos.*³⁵

³⁵ Idem, p. 130.

O texto de Rosemari de Almeida cria um processo de interação com o leitor à medida que tira das sombras para a luz, as memórias presentes que circulam em alguns lugares da Prelazia de São Felix do Araguaia.

Como e de que elementos se compõem essas memórias? Como ela atua na vida pessoal e comunitária? Quais são as memórias mais significativas? Os mártires se fazem presentes nessas memórias?

Como historiadora que é Almeida sabe haurir dos relatos o que há de mais rico e sabe também captar as tensões latentes na confluência das diversas memórias. *O suor e o sangue fecundando o chão*³⁶ convida-nos a olhar o passado mas está mesmo voltado para o presente e o futuro ao desafiar as comunidades a descobrirem novos aspectos da própria fé, fé que ilumina a realidade.

³⁶ A dissertação deixa transparecer a orientação criativa, respeitosa e exigente do orientador Fernando Torres Londoño que levou a autora a tratar o tema com imparcialidade, dignidade e seriedade, tema que se presta facilmente, para visões preconceituosas e militantes.